

Fala o denunciante

LAVA JATO Hermes Magnus, ex-sócio de Janene, diz que a investigação pode ir além

POR FABIO SERAPIÃO

A O CONDENAR o doleiro Alberto Youssef pela lavagem de dinheiro proveniente dos desvios praticados pelo falecido José Janene, o juiz Sergio Moro ordenou a devolução de 1 milhão de reais a Hermes Freitas Magnus. Esquecido em meio aos vários delatores, empreiteiros e políticos citados na Lava Jato, o empresário foi sócio de Janene na Dunel Indústria e, ainda em 2008, denunciou o parlamentar quando descobriu que o empreendimento era utilizado para lavar dinheiro. As informações de Magnus levaram a Polícia Federal ao esquema de desvios na Petrobras e estimularam a descoberta de mais detalhes do esquema de corrupção patrocinado pelas construtoras.

O empresário, que hoje vive em Portugal, conversou com *CartaCapital*. Segundo ele, após um ano de operação, o balanço é positivo, principalmente pelo trabalho desenvolvido pelo juiz Sergio Moro. Magnus acredita, no entanto, ser possível ir mais além. Youssef, acredita, ainda não contou tudo o que sabe aos investigadores e caso sigam o caminho do dinheiro vão descobrir, diz, um esquema suprapartidário. “O Janene transcendia partidos, ele tinha amigos em todas as legendas e todas as esferas. Temiam a língua dele.”



Janene. O deputado falecido era sócio do empresário na Dunel Indústria

Sobre Janene

Janene era um mestre da maracutaia, em criar mecanismos e subterfúgios para o crime. Com a sua morte, Youssef assumiu o posto e começou a deixar rastros. Ele não tinha a malícia em lidar com esse mundo político. O Youssef era um *offi-ce-boy* de luxo, seu papel era limpar o dinheiro desviado desses esquemas. Claro que não dá para elogiar esse PT de hoje, mas o Janene dizia que isso era inerente à política. Sobre o mensalão, ele dizia que todos os governos pagavam, o único que não pagou, segundo ele, foi o Collor. Não

pagou por não conseguir, o PC Farias não tinha capacidade, dizia ele.

O que falta investigar

Se os investigadores me ouvirem, eles seguiram os rastros do Claudio Mente, Carlos Alberto Pereira da Costa e Ruben de Andrade, os sócios da CSA Securitizadora e da CSA Project Finance, que era minha sócia. A investigação pode mostrar onde está o dinheiro dos fundos de pensão, das maracutaias envolvendo a venda de energia das eólicas e esquemas no setor elétrico. Então, acho que

.....
DIDA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO
E FELIPE RAU/ESTADÃO CONTEÚDO



Magnus vive
hoje em Portugal

se seguir essa turma das CSAs, dia e noite, eles chegarão a várias vertentes do esquema, do IRB a Itaipu, passando pelo Banco do Nordeste e outros.

Paulo Bernardo e Gleisi Hoffmann

O Janene gostava de falar a onde seus rivais iam cair. Ele falava do anel viário de Maringá. O Alberto Youssef teria lavado dinheiro dessa obra para Gleisi Hoffmann e Paulo Bernardo. Ao voltar aos tempos do Janene e rever minhas anotações, encontrei uma na qual ele falava que ia dar muito pano pra manga. Pelo que soube, o ex-

“Esquema de corrupção transcendia partidos políticos”

-procurador-geral da República Roberto Gurgel arquivou essa investigação sobre o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte, responsável pela obra.

Alberto Youssef

Eu sei que o Youssef tem muito mais a falar, muita coisa foi sintetizada. De fato, ele não contou tudo. Minha tese é de que ou há um conformismo da força-tarefa ou é uma estratégia: Ok, você está mentindo, mas vamos te pegar lá na frente. Ele precisa provar que não há mais nada de dinheiro no exterior. Apresentar provas. O Janene e o Youssef tinham laranjas no exterior. Precisa desarticular essa turma, para depois eles não voltarem a cometer crimes, como aconteceu com o doleiro no caso Banestado.



Seu País

O árabe

Não saía da minha empresa um árabe-americano chamado Nabil Harajli, que andava com o Janene pra cima e pra baixo. Em 2008, o Janene esteve em Pasadena e esse árabe foi junto. Nessa época, eu vi o deputado tratando por telefone com outra pessoa que parecia ser de uma empreiteira. Na sequência, ele desligou o telefone e perguntou ao Carlos Alberto Pereira da Costa (laranja do esquema e delator da Lava Jato) se o cheque da Queiroz Galvão havia sido compensado. Esse cara está lá fora com a grana desses caras. O interessante é que esse tal árabe foi testemunha no mensalão do Janene. Foram duas testemunhas, o árabe e o Fernando Henrique Cardoso. Por que o Youssef e o Carlos Costa não falam do árabe na delação?

Conta em Luxemburgo

Se a CPI quer saber se existe essa conta, ela precisa ir atrás da investigação das autoridades portuguesas sobre as ramificações do Banco Espírito Santo em Luxemburgo. O Janene, uma vez que viajei para a Europa para visitar uns clientes, queria me



“Youssef não contou tudo o que sabe ao investigadores”

pedir para transportar dinheiro de uma conta dele no Banco Espírito Santo para o Brasil. Voltei sem fazer o favor. Sugiro outro caminho. Em 2008, recebi a visita de

Office-boy. O doleiro assumiu o posto de líder do esquema após a morte de Janene

enviados de um cliente sueco que queriam conhecer a nova estrutura da Dunel. Estiveram em Londrina, hospedados no hotel do Youssef e do Janene. Este sueco, o Lars Perers, era um especialista no mercado financeiro e criador de cavalos de raça. O Janene o convidou para conhecer seu haras e no caminho eu atuei como tradutor. Janene contou que usava muito *offshore*, pois o sistema tributário no Brasil era punitivo. O sueco disse que eles só usavam os canais em Luxemburgo, porque os impostos na Suécia eram pesados também. Eles ficaram de aprofundar a conversa. Depois do ocorrido, perdi contato com o cliente e agora aparece essa conta em Luxemburgo. Tudo pode ter começado naquela conversa.

Outro lado

A senadora Gleisi Hoffmann e seu marido, o ex-ministro Paulo Bernardo, afirmaram que nunca mantiveram contato com Janene e Alberto Youssef. •

A DENÚNCIA CONTRA POLÍTICOS

Os procuradores da Lava Jato ofereceram, na quinta-feira 14, as primeiras três denúncias contra políticos envolvidos no esquema de corrupção na Petrobras. Entre os 13 denunciados figuram os ex-deputado André Vargas, ex-PT, Luiz Argôlo, do Solidariedade, e Pedro Corrêa e sua filha, Aline Corrêa, ambos do PP. Eles são acusados dos crimes de corrupção, lavagem de dinheiro, organização criminosa e peculato.



André Vargas está na lista

“Hoje é um dia emblemático, porque fechamos um ciclo e entramos pela primeira vez no núcleo político do esquema com as denúncias dos ex-deputados”, afirmou o procurador e coordenador da força-tarefa, Deltan Dallagnol. Ex-secretário de Comunicação do Partido dos Trabalhadores, Vargas teria recebido, aponta o Ministério Público, propina angariada em contratos de publicidade com a Caixa Econômica Federal e

o Ministério da Saúde. O paranaense apareceu logo no início das investigações em conversas com Alberto Youssef sobre contratos públicos. Outro denunciado do grupo é o publicitário Ricardo Hoffmann, da agência Borghi/Lowe. Segundo os investigadores, Hoffmann repassou valores oriundos de contratos públicos a empresas ligadas ao ex-deputado com o objetivo de conquistar vantagens em contratos futuros.

Por sua vez, Argôlo seria sócio de Youssef e outro beneficiário da propina cobrada em contratos da Petrobras. São creditados ao ex-deputado dez atos de corrupção e 93 de peculato. De acordo

com dados da investigação, o parlamentar foi ao menos 78 vezes ao escritório do doleiro em São Paulo.

Condenado no chamado “mensalão”, Corrêa foi denunciado por 280 atos de corrupção, 568 atos de lavagem de dinheiro e 123 atos de peculato. O ex-deputado e sua filha seriam destinatários da propina relacionada ao PP na Petrobras. Corrêa, Argôlo e Vargas foram presos pela PF no início de abril e estão detidos em Curitiba. Além dos políticos, foram denunciados Leon Vargas, Milton Vargas, Ivan Vernon, Márcia Danzi, Alberto Youssef, Rafael Ângulo, Fabio Corrêa e Carlos Alberto Costa.